

Violência: construção cultural

Noli Bernardo Hahn¹

Sumário: Introdução. 1. Condicionados a ser humanos. 2. Violência: uma categoria cultural. 3. Busca e cuidado: constituição originária do humano. 4. Origem de violências: desconexão entre busca e cuidado. 5. Níveis de violência, violência de gênero e a raiz oculta de violências. Conclusão. Referências.

Resumo: O texto aborda o tema violência. Argumenta a idéia de que violência é uma construção cultural. Para fundamentar essa idéia, parte do pressuposto de que o ser humano é condicionado, e não predeterminado ou predestinado, a ser humano. Enquanto condicionado a ser humano num processo de construção de culturas, a violência emerge fundamentada e significada a partir de significantes elaborados ao longo desse processo de produção cultural.

Palavras-chave: violência – construção cultural – condicionado a ser humano – busca e cuidado: dimensões vitais originárias do humano - violências

Abstract: The text deals with the theme violence. It arguments with the idea that violence is a cultural construction. In order to base this idea, it accepts as a presupposition that the human being is conditioned and not predetermined or predestined to be human. While being conditioned to be human in a process of cultural construction, violence emerges based and meant parting from elaborated significant during this process of cultural production.

Key-words: violence – cultural construction - conditioned to be human – search and care: vital dimensions originated from human - violence

Introdução

O tema violência tem recebido distintas abordagens ao longo dos anos. Pesquisou-se a realidade da violência a partir e através de mediações de diversas ciências. Há contribuições importantes de sociólogos, antropólogos, juristas, filósofos, psicólogos, teólogos, para entender a realidade da violência, que fez história com a história humana. Isso mostra que não é possível uma única ciência assumir o desafio de dar conta da amplitude e da complexidade do que é denominado violência.

Vivemos, também, num momento histórico em que nos é dito repetidamente que precisamos aprender a conviver com a violência; que precisamos aprender a nos proteger; que precisamos educar as novas gerações

¹ Doutor em Ciências da Religião, área de concentração Ciências Sociais e Religião, pela UMESP. Graduado em Filosofia e Teologia. Bacharelado em Direito. Professor do programa de pós-graduação em Direito – Mestrado da URI, campus de Santo Ângelo.

para saber lidar com contextos e com situações de violência, especialmente as grandes cidades.

Quando se escuta tais afirmações, aponta imediatamente a intrigante pergunta: essas idéias não querem afirmar que a violência é algo natural, que ela provém e é um integrante da “natureza” humana e, por isso, não tem volta, somos forçados a uma condição de aprender a conviver com uma realidade “natural” violenta?

Neste texto, elaboro uma reflexão sobre violência deixando-me guiar por esta pergunta: a violência é, ou não, um fenômeno e um aprendizado cultural? Parto de vários pressupostos para argumentar que a violência é, sim, uma manifestação e um aprendizado cultural, com base em matrizes teóricas que condicionam o humano a ser violento.

Enumero, introdutoriamente, alguns pressupostos que embasam a argumentação da idéia central deste artigo:

- O ser humano nasce condicionado a ser humano. Ele não nasce nem predeterminado, nem predestinado. A vida humana é condicionada e não predeterminada.

- O ser humano não nasce violento. A violência é construção cultural.

- O ser humano é constituído e se constitui como busca e cuidado. (O humano constrói-se e é construído; projeta-se e é projetado; cria-se e é criado; desenvolve-se e é desenvolvido; faz-se e é feito).

- A violência se gera quando o ser humano desconecta a dimensão busca da dimensão cuidado.

- A violência de gênero é uma face de violência quando ocorre a desconexão entre cuidado e busca e a objetivação do outro é um resultado da falta de cuidado e da prática exclusiva da dimensão busca.

Esses pressupostos estruturam o artigo em cinco partes. Início a reflexão pelo tema da condição humana.

1. Condicionados a ser humanos

Nascemos condicionados a ser humanos. Não somos predestinados ou predeterminados a ser o que somos. Não nascemos prontos e acabados. Nascemos, sim, e apenas, com condições humanas e somos postos em meio a condicionantes.

É condição humana ser condicionado, o que significa que somos resultado de condições nas quais fomos e estamos inseridos, contextualizados e inscritos.

O mundo no qual estamos nos condiciona. Esse mundo nada mais é do que invenção e criação humana. Ele é fruto da inteligência praxica, simbólico-abstrata, representacional e memorial que apenas os humanos dispõem. Tal mundo, que é um mundo-de-sentido - por isso humano - com seus significados e significantes, recebe o nome de cultura. Esta, a cultura, é resultado de duas habilidades que os humanos desenvolvem: habilidade para construir (*Homo faber*) e a habilidade para usar linguagens (*Homo loquens*). (Veremos, ao longo do artigo, que a violência é construída fundamentalmente no processo em que os humanos constroem e no uso de linguagens).

Como criação humana, cultura não é e jamais será estática. A sua dinamicidade se mostra em duas dimensões: de um lado, ela é invenção constante; de outro, a cultura já criada constrói numa dinamicidade incessante o humano. Por isso diz-se que a “natureza” humana é cultural. Somos, portanto, criadores do mundo que também nos constrói. Enquanto criada e criadora, construída e construtora, princípio e caminho – não fim –, a cultura é um rosto dinâmico como manifestação de um projeto do humano. O humano como tal não é. Ele se faz e é feito, se cria e é criado, se desenvolve e é desenvolvido, se constrói e é construído através de um caminhar num contexto, numa inserção, numa inscrição, no entanto não desvinculado de inserções, de contextos e de inscrições memoriais. O humano, aqui, entendido em sua dimensão individual e coletiva, não de forma dual, mas como relação.

As identidades culturais singulares de indivíduos e coletividades se formam nessa dinamicidade e assim devem ser compreendidas. Toda identidade é condicionada em e a partir de condições e de condicionantes contextuais, porém os contextos não são fragmentos desconectados de uma memória coletiva histórica que, até, pode mostrar-se, por vezes, fragmentada.

Cada identidade cultural construída e criada imprime perspectividade, ou seja, um conjunto de significados e significantes elaborados e comungados por um grupo humano não necessitam ser compartilhados e/ou seguidos por outro. Isso evidencia um elemento novo e fundamental: a cultura, além de ser criação sempre inacabada de um projeto humano, a partir de condições contextuais vinculadas a uma memória histórica, é construída a partir de inúmeras vozes e de perspectivas plurais.

Uma identidade cultural, que se encontra sempre em construção, a partir de uma perspectiva, vai demarcando conceitos, compreensões, autocompreensões, além de comportamentos e atitudes. O justo e o injusto, a bondade e a maldade, lembrando apenas esses atributos entre tantos que poderíamos citar, são atribuições que se constroem a partir de uma cultura na qual estamos inseridos. Em outras

palavras, o que denominamos de bom ou ruim, de justo ou injusto, é demarcado a partir de marcos culturais e, também, elaborado e construído desde um mundo de significados e significantes, que é o mundo cultural.

Não somos, por conseguinte, bons ou maus, justos ou injustos pela constituição biológica. A estrutura biológica que somos é uma condição humana, mas aprendemos e desenvolvemos, a partir de uma inserção cultural, a ser o que somos. O humano e o desumano são aprendidos, apreendidos, elaborados e desenvolvidos a partir do lugar significante e de significados no qual estamos. O humano é constituído a partir de condições postas, de condicionamentos e de condicionantes em construção. Somos, portanto, condicionados a ser humanos. As condições, por conseguinte, constituem e instituem o humano ou o não-humano, que são, ambos, construções e elaborações culturais.

2. Violência: uma categoria cultural

A violência nasce, se elabora, se constitui e se manifesta no processo de construção e de vivência de culturas, que são criadas especificamente ao ser humano desenvolver as habilidades da construção (*Homo faber*) e do uso de linguagens (*Homo loquens*). Violência se constitui numa categoria cultural, pois esta recebe sua significação a partir de significantes culturais. O ser humano não nasce violento. Ele aprende e desenvolve a violência a partir de entendimentos elaborados e de autoconcepções significativas que lhe são fornecidas de um determinado lugar significante. (Torna-se importante lembrar, desde logo, que agressividade não é igual à violência. Ao longo do texto, a distinção será esclarecida).

Um lugar é significado com determinadas compreensões que são logicamente elaboradas e organizadas. Procuro, neste momento, fazer um recorte na história do ocidente e mostrar, apenas, enquanto exemplo, como uma determinada compreensão incide na constituição e geração de violências. Escolho, para tanto, uma matriz teórica da modernidade para esclarecer como uma racionalidade pode ser geradora e constituinte de violências.

Ao definir conhecimento, autores modernos, com poucas diferenças, afirmam que o conhecimento é o pensamento que resulta da relação que se estabelece entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido.

O conhecimento surge, pois, nessa premissa, de uma relação que se estabelece entre um sujeito cognoscente e um objeto. Quem se entende sujeito e quem ou o que é definido pelo sujeito como objeto? Cabe, nesse momento, também, esta pergunta: o que é ser sujeito e o que significa ser objeto?

Objeto, em princípio, é algo sem vida. É considerado e pré-concebido como um ser inanimado, sem vitalidade: não reage, não fala, não pensa, não sente, não ouve, não interage, não vê. Objeto está sujeitado a um sujeito: é manipulável, dominável, conquistável. Objeto é coisa, não possui identidade, por isso não participa nem resiste.

Como coisa, o objeto pode ser usado e manipulado pelo sujeito para determinados fins. Aliás, objeto é meio, jamais um fim. Como o objeto sempre é coisa para o sujeito, a relação que se estabelece é a de conhecimento e não de reconhecimento. O sujeito procura conhecer e jamais reconhecer. A relação estabelecida, no caso, é a de dominação, de conquista, de objetivação, de coisificação, de sujeição.

Essa relação evidencia a autocompreensão que o europeu colonizador teve quando da colonização das nações latino-americanas, asiáticas e africanas. O ser europeu, como compreensão de si, como consciência de si, autoentendia-se como único sujeito, e especificamente sujeito-homem-branco. Tal matriz teórica impedia estabelecer relações de reconhecimento de culturas que não fossem a cultura européia essencialista, etnocêntrica, logocêntrica, falocêntrica e androcêntrica.

A alteridade não pôde emergir e ser percebida nessa visão e concepção única e centrada (Europa é centro e as nações conquistadas são periferia). A relação sujeito-objeto exigia ocultamento, encobrimento ou a morte do outro. Muitos dos genocídios, dos fratricídios, a escravidão e a violência de gênero explicam-se a partir dessa racionalidade.

Refiro-me à racionalidade instrumental, a que instrumentaliza o outro a um determinado fim, anulando-o, ocultando-o ou o encobrindo. Tal razão européia e moderna moldou-se e estruturou-se em uma cultura ocidental e moderna. Imprimiu compreensões e autocompreensões. O ser europeu foi se evidenciando um ser que se autocompreendia como sujeito que poderia e deveria relacionar-se com o outro, não o reconhecendo como outro, assim construindo uma cultura justificadora e motivadora de ações violentas. Violência, no caso, emerge e se motiva a partir de uma determinada matriz teórica que imprime entendimentos e autocompreensões. Violência, por conseguinte, consiste numa construção cultural e emerge como uma categoria cultural. Tal significa que é possível compreender faces de uma determinada cultura pelo significado inerente ao conceito violência, categoria construída, codificada e significada nessa mesma cultura.

3. Busca e cuidado: constituição originária do humano

O humano é instituído e constituído culturalmente. O humano inexistente enquanto natureza. O humano é elaborado e construído. O humano é inventado, criado e projetado. Anteriormente tem-se afirmado que o processo da construção cultural é iniciado ao o ser humano habilitar-se em construir (*Homo faber*) e usar linguagens (aqui compreendidas todas as formas de sistemas de signos).

Ao verificar o sentido dos verbos inventar, construir, criar, projetar, percebe-se que os princípios do humano, as dimensões originárias do humano, fundem-se e relacionam-se com ações de busca, de procura e de conquista. Buscar a sobrevivência, o conhecimento e o espaço; buscar relacionar-se consigo, com o outro, com a natureza e com o grande Outro; buscar o alimento; buscar a proteção; buscar satisfazer desejos. Enfim, buscar a vida, a liberdade. Buscar consiste numa das experiências originárias do humano.

A agressividade situa-se nesse nível da descoberta que o ser humano fez da necessidade de sua construção, de buscar a si, o outro, a sobrevivência. Desenvolver a agressividade foi vital. Aprender a viver consistiu, portanto, em aprender a ser agressivo. Sair, buscar, conquistar teve que ser aprendido e apreendido para constituir-se humano.

O ser humano, portanto, para sobreviver, teve que aprender formas e fórmulas de sobrevivência. O homem e a mulher, pela capacidade e faculdade de ter e desenvolver a inteligência simbólico-abstrata, sobrepuseram-se aos demais seres exatamente por essa capacidade memorial. Desde o princípio, o ser humano descobriu que, para viver e sobreviver, necessitava de conhecimentos. Precisava buscá-los. Percebeu, logo, que esses conhecimentos não se encontravam num lugar fora e para além dele. O conhecimento teria de ser elaborado, construído, aprendido e apreendido a partir de suas próprias experiências pessoais e coletivas.

A aprendizagem, a partir de experiências, foi e continua sendo dolorosa. Enquanto experiência, não se possui segurança. Nessa experiência de realizar experiências para ver o que dá certo ou não, o ser humano integrou duas dimensões constitutivas e constituintes do seu ser. De um lado, a dimensão da luta, da conquista, da busca, da invenção, da projeção, da criação. De outro, o cuidado, ou seja, cuidar daquilo que já buscou, conquistou, aprendeu; não perder a memória do que dolorosamente conseguiu apreender, descobrir, elaborar, criar e sistematizar.

Intrínseco, inerente e concomitante, por conseguinte, ao buscar espaços, sobrevivência, proteção, relações, emergia o cuidado em relação ao que o ser humano conseguia buscar. Cuidar, igualmente, consiste numa outra experiência originária do humano.

Busca e cuidado constituem, portanto, a constituição originária do humano enquanto ser cultural. O humano não está dado. Ele necessariamente deve ser buscado, construído, desenvolvido. No entanto, a dinamicidade da busca desconectada do cuidado não constitui o humano. O que se buscou e se construiu imprescindivelmente deve ser reconhecido, acolhido, protegido e cuidado.

Conquistar e cuidar, como ações e como princípios, representam duas dimensões ou dois integrantes, originariamente vinculados, do processo do surgimento do humano. Na construção do humano, esses dois princípios dinamizadores não podem estar desvinculados. Buscar e cuidar, enquanto integrados, possibilitam sentido humano e realizam o humano. O humano não é resultado apenas de buscas ou conquistas. Ele é também produto de cuidados. O inverso também pode ser afirmado: o humano não é resultado de cuidados apenas, mas também de buscas e conquistas.

Busca e cuidado representam, pois, a constituição fundante do humano. O humano é busca e cuidado ao mesmo tempo. Tanto busca quanto cuidado manifestam-se em representações, ações, experiências, atitudes, comportamentos, opções e escolhas.

A busca e o cuidado não são dimensões inatas. Uma e outra dimensão são aprendizagens. Exatamente por isso se diz que constituem a constituição originária do humano, pois este é originado na consciência da necessidade da busca e do cuidado. A consciência, igualmente, nasce e se constitui enquanto processo de aprendizagens.

4. Origem de violências: desconexão entre busca e cuidado

Cultura nasce da atividade humana. A ação humana se evidencia fundamentalmente em construção (*Homo faber*) e em sistemas de signos (linguagens – *Homo loquens*). Na atividade humana encontram-se inter-relacionadas, conexas, não dualisticamente, a inteligência prática e a inteligência simbólico-abstrata. Por isso, fala-se em inteligência práxica que só os humanos podem desenvolver. No desenvolvimento dessa inteligência da inter-relação não dual entre a praticidade e a abstração, pelo qual se dá a construção da cultura, o humano se constitui e é constituído como cuidado e busca.

Uma origem de violências, ao longo da história humana, se verifica quando da desconexão entre esses dois princípios, essas duas dimensões originariamente vinculadas na constituição do humano. Como exemplo, volto a me referir à razão instrumental moderna que concebe o conhecimento na relação sujeito-objeto, em que o objeto é instrumentalizado a uma função e a uma dimensão teleológica do sujeito.

Nos últimos séculos, tem-se verificado uma desintegração quase absoluta entre cuidar e conquistar (buscar). A racionalidade moderna instrumental, objetivista, do conhecimento, do sujeito, de perspectiva dualista, rompeu a integrada constituição originária entre cuidado e busca, e fundamentou a ação humana a partir da perspectiva conquistadora, quase exclusivamente, o que leva o ser humano a sua deformação e autodestruição.

Com a desintegração, a agressividade, força vital desenvolvida e aprendida no exercício da liberdade em busca da sobrevivência, torna-se violência. As dimensões vitais da busca e do cuidado, enquanto inter-relacionadas, como constituintes do humano, de identidade integradora, por isso controladora – o cuidar controla o buscar e vice-versa -, impedem desvios e violências. Quando não há desintegração, a tendência é a harmonia, o ajuste, a autolimitação, a justa medida.

A perspectiva e a ótica conquistadora, desintegrada do princípio vital cuidado, de relação sujeito-objeto, imprime uma compreensão de poder em que o sujeito se autocompreende como quem tem legitimidade para ser conquistador e, em sua extensão, dominador, controlador, violento.

A relação que o homem branco estabeleceu com a natureza, esta concebida como objeto usável para finalidades do sujeito, foi de extrema violência. Da mesma forma, a compreensão e a autocompreensão que a matriz teórica da razão dualista instrumental fomentaram e formaram, e que foram vivenciadas nas relações entre os povos conquistadores e conquistados, entre colonizadores e escravos, entre homens e mulheres, foram de condicionar, construir, justificar e motivar violências.

5. Níveis de violência, violência de gênero e a raiz oculta de violências

As violências construídas e motivadas podem se manifestar em vários níveis. As violências pesquisadas, em nível de gênero, são caracterizadas e classificadas, geralmente, como físicas, psicológicas e sexuais. Na violência física, incluem-se tapas, empurrões, chutes, surras, estrangulamentos, uso de armas. A violência psicológica compreende-se a partir de insultos, humilhações, intimidações, ameaças. A sexual caracteriza-se pelo sexo forçado, sexo por medo, prática humilhante.

Outro nível de abordagem enfoca a violência estrutural em que esta fundamentalmente é concebida como consequência, resultado e manifestação de uma estrutura estruturante de violências. Tal estrutura pode ser um Estado que é avaliado como protagonista de injustiças estruturais que, em consequência,

estendem-se em geração de violências. Nesse nível, inclui-se, também, a violência etnocultural, quando uma etnia impõe sua cultura sobre outros povos.

Abordagens em diferentes níveis e a tipificação a partir de algum nível ajudam a esclarecer muitos elementos do porquê da violência e da forma como esta se sucede e se manifesta.

Neste estudo continuo a perguntar pela raiz oculta que alicerça o que se mostra. Tal raiz escondida está implícita nos processos de criação e de recriação constantes e ininterruptos de culturas, que acontecem em dois níveis conexos e mesclados, numa mesma ação: fazer/simbolizar, construção/significação, feito/simbolismo.

Volto a enfatizar que a ação humana, criadora de culturas, não pode ser compreendida de forma dual como se num momento acontecesse o feito e num outro a significação do feito, como se fossem dois procedimentos e dois atos em separado e paralelos. A prática simboliza e o simbólico é apenas simbólico porque houve a prática que o fez surgir. Esta, a prática, por sua vez, é a base, o alicerce do símbolo. Numa ação humana, o ato, em seu surgimento, em sua realização, é significado. Na atividade humana, não ocorre simbolização pura, desvinculada de uma prática, nem uma prática que não simbolize.

Essa compreensão é relevante ao tema que se está refletindo porque toda violência é simbólica e prática no mesmo ato. Pelo fato de a prática da violência simbolizar, a violência não acaba, não finaliza e não se extingue num ato prático. A violência se estende na simbolização. Há a continuidade como processo de significação. Essa continuidade ou extensão se procede no sujeito individual, tanto no autor da violência, quanto na vítima que a sofre, e na coletividade. A motivação, a fundamentação ou a justificação da violência se dá exatamente nessa continuidade simbólica do ato violento.

Daí se chega à conclusão que a violência se gera a partir da prática simbólica ou da prática significada e simbolizada num processo de significação da atividade humana. Dito em outras palavras, a violência estrutura-se num processo de construção cultural, sempre fundamentada a partir de compreensões estruturadas. Essas denominadas compreensões estruturadas podem ser matrizes teóricas subjacentes a uma cultura ou elaborações fragmentárias de senso comum.

Outra conclusão importante é a de que, no processo de significação da atividade humana, deve haver uma constante vigilância para não ocorrer a desconexão entre o cuidado e a busca, evitando assim a construção e a elaboração de estruturas de compreensão que, por sua vez, embasam autocompreensões justificadoras e motivadoras de violências. O que se percebe nas sociedades em

geral é uma vigilância em reprimir atos violentos, mas não há o cuidado suficiente em vigiar a prática da continuidade simbólica desse ato.

Como exemplo, lembro a violência de gênero quando esta se motiva a partir de uma compreensão em que o agressor se autocompreende como sujeito de direitos sobre o outro que, na sua visão, é um objeto a ser conquistado, dominado e manipulado, correspondendo, nessa condição, a uma dimensão teleológica daquele que agride. Pode-se concluir que a violência de gênero é uma face de violência quando ocorre a desconexão entre cuidado e busca e que a objetivação do outro é um resultado da falta de cuidado e da prática exclusiva da dimensão conquistada.

Conclusão

A idéia central deste artigo consiste em argumentar que violência é uma construção cultural. Para confirmar essa idéia, fez-se um caminho argumentativo mostrando que o humano se constitui a partir de condições e condicionantes num contexto, numa inserção, numa inscrição, ao desenvolver as habilidades de construção (*Homo faber*) e de elaboração e uso de sistemas de signos (*Homo loquens*).

Através do fazer e do significar, numa relação não dual, que compreende a atividade humana, processa-se a construção do humano, do mundo-de-sentido, da cultura. No exercício do fazer surge o mundo cultural, o ser humano desenvolve e elabora a consciência de que necessita buscar e cuidar a sua vida.

Busca e cuidado se constituem, então, em dois componentes vitais originários da constituição do humano. Tal sucede enquanto o ser humano aprende a construir a sua humanidade, sempre neste vínculo ou conexão fazer/significar.

Acontece que o resultado não é a formação de um mundo-de-sentido, mas de uma pluralidade de mundos-de-sentido, uma multiplicidade de culturas e não apenas de uma cultura. O humano não é homogêneo. Ele se constrói na diversidade e na diferença.

Sendo a violência uma construção cultural como um ato significado inerente ao processo de formação de culturas, cabe, em nível de conclusão, uma série de perguntas que problematizam e projetam este estudo preliminar para posteriores aprofundamentos da temática. Eis algumas questões:

Se o ser humano, em sua humanização, cria distintas identidades culturais, violência possui o mesmo significado para todas as culturas?

Pode-se falar em violência e em violências? Existe a violência ou existem apenas violências?

Como relacionar violência com Direitos Humanos e identidades culturais?

Existe a possibilidade de um ato ser qualificado como violência numa identidade cultural e não receber a mesma avaliação em outras culturas?

As questões apontam para a amplitude e a complexidade do tema. Estudos futuros hão de construir respostas pertinentes a perguntas tão relevantes que este estudo inicial acena.

Referências

Nesse artigo, evitei citações e notas bibliográficas. O tema central, porém, foi refletido a partir de muitas leituras. Jürgen Habermas e Thomas McCarthy ajudaram-me a construir críticas à razão instrumental. Escritos de Enrique Dussel propiciaram a compreensão de como a autocompreensão do sujeito homem branco europeu, desde a perspectiva etnocentrista, anulava, encobria e ocultava o outro. Textos de Leonardo Boff foram importantes para compreender o ser humano como conquista e cuidado. Battista Mondin e Nunzio Galantino, através de seus estudos sobre Antropologia Filosófica, estão presentes em meu artigo, fazendo com que as perguntas “quem é o homem”, “o que é o humano”, “o que é vida”, “o que é vida humana” estivessem implícitas em minha reflexão sobre o tema violência. Nas referências, a seguir, cito algumas obras que foram importantes para a elaboração do texto.

BOFF, Leonardo. *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DUSSEL, Enrique. *O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1993.

EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. *Teoria cultural de A a Z – Conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo*. São Paulo: Contexto, 2003.

GALANTINO, Nunzio. *Dizer homem hoje: novos caminhos da Antropologia Filosófica*. São Paulo: Paulus, 2003.

GROSSI, M. *O significado da violência de gênero no Brasil*. Sexualidade, Gênero e Saúde, v. 2, n. 4, 1995.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria de La accion comunicativa I – Racionalidad de La accion y racionalización social*. Madrid: Taurus, 1987.

KRONBAUER, José Fernando Dresch; MENEGHEL, Stela Nazareth. *Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro*. Revista Saúde Pública, 39(5), p. 695-701, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 18. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

MCCARTHY, Thomas. *La teoria crítica de Jürgen Habermas*. 2. ed. Madrid: Tecnos, 1992.

MONDIN, Battista. *O homem, quem é ele*. 11.ed. São Paulo: Paulus, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.